

# PAISAGEM E CAPITAL SOCIAL: PROPOSTA METODOLÓGICA PARA LEITURA DA PAISAGEM

LANDSCAPE AND SOCIAL CAPITAL: METHODOLOGY FOR LANDSCAPE READING

**CASER, Karla**

Arquiteta; MSc. EESC-USP; PhD University of Guelph – Canadá (Bolsista Capes); Professora Cefetes – Coordenadoria de Construção Civil – UNED Colatina. E-mail: karlacaser@uol.com.br

## RESUMO

O termo capital social data do começo do século 20 na área de educação, mas foi Jane Jacobs, em seu livro *Vida e morte das grandes cidades americanas*, que o introduziu para designar a saudável rede de relações sociais existente em sua vizinhança em Nova Iorque. Posteriormente, o conceito de capital social foi desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, cujos escritos contribuíram para o reconhecimento de Capital Social, nos anos 90, como uma área de pesquisa multidisciplinar capaz de ligar aspectos físicos a aspectos sociológicos e econômicos. Contudo, Bourdieu não desenvolveu plenamente a relação entre capital social e paisagem. Esse artigo estende o debate atual sobre capital social para a área de design da paisagem e foca a criação de metodologia para leitura da paisagem urbana. Dentro desse contexto e baseado em tese de doutorado defendida na área de Arquitetura da Paisagem na University of Guelph, Canadá, primeiramente a teoria de capital social de Bourdieu é desenvolvida, com ênfase nas suas dimensões físicas, e é apresentado o conceito de capital social objetificado para descrever o processo através do qual o capital social é cristalizado na paisagem. Este conceito proposto é considerado pertinente para atuar como um fundamento transdisciplinar para a intervenção na paisagem urbana brasileira. Num segundo momento é proposta uma metodologia que se julga capaz de funcionar como uma ferramenta para arquitetos e planejadores desenvolver um design inclusivo e responsivo aos diversos usuários dos espaços de forma a ajudar a minimizar o atual quadro de exclusão social brasileiro.

**Palavras-chave:** Paisagem, capital social, objetificação, metodologia.

## ABSTRACT

*The concept of social capital was first used in education in the beginning of the 20<sup>th</sup> century. However, it was Jane Jacobs in her book *The death and life of great american cities* who introduced it to account for the healthy social network of her neighbourhood in New York. Later, the social capital concept was developed by the sociologist Pierre Bourdieu. His praxeology has contributed to the acknowledgement of social capital, from the 1990s onward, as a multidisciplinary area of research capable of linking physical, social and economic aspects. Nevertheless, Bourdieu himself has not fully developed its connection to the physical realm. This study extends the present debate on social capital into the area of landscape and urban design and proposes a methodology for landscape reading. First, and based upon a thesis developed as part of a PhD degree at the University of Guelph, Canada, Bourdieu's theory of social capital is advanced, drawing attention to its physical dimensions and it is proposed the concept of objectified social capital to account for the process by which social capital is realised and crystallized in the built environment. This concept is considered a relevant transdisciplinary framework to inform the design of the urban Brazilian landscape. Secondly, this framework is applied into the development of a methodology for landscape reading, a methodology that can offer a critical purview to professionals who aim to design an inclusive built environment responsive to the various communities within a community of place, and in this way, help minimise the present situation of Brazilian social exclusion.*

**Key words:** Landscape, social capital, objectification, methodology.

## Introdução

Capital social é um conceito que tem sido usado para descrever a capacidade de resiliência de certas comunidades em enfrentar mudanças que geram conflitos sociais e/ou problemas ambientais. Em linhas gerais, capital social é descrito como uma rede de relações pessoais que gera benefícios para o detentor das mesmas. Várias razões podem ser listadas para a recente popularidade de estudos sobre capital social, sendo a sua natureza interdisciplinar a mais óbvia e importante (WOOLCOCK; NARAYAN, 2000). Essa característica convida pesquisadores das ciências sociais, econômicas e educação entre outras a usá-lo para entender como grupos de pessoas são afetadas pelas suas relações sociais. Estes pesquisadores avaliam as redes de interação e os valores do grupo ou comunidade em questão para entender e explicar este fenômeno de resiliência (para uma descrição detalhada das várias linhas de pesquisa veja WOOLCOCK, NARAYAN, 2000 e WOODMAN, 2001).

Convém destacar, entretanto, que a maior parte destes estudos adota a abordagem normativa de Putnam (1993; 1995) e Coleman (1990; 1988). Na verdade, o simplismo dessa abordagem é o alvo de maior parte das críticas à utilização do conceito de capital social. Diferentemente deles, a abordagem de Bourdieu é uma ferramenta analítica (BÆRENHOLDT; AARSÆTHER, 2002) cujo objetivo é o de desvelar estruturas de poder (SWARTZ, 1997; DOVEY, 2002). Desta forma, o conceito de capital social de Bourdieu emerge como uma importante contribuição para uma prática profissional que se queira consciente das implicações ideológicas do espaço construído.

Na verdade, a partir dos anos 90, a praxeologia de Bourdieu em geral tem sido usada pelas disciplinas que lidam com a paisagem como um arcabouço teórico em tentativas de transcender barreiras disciplinares no estudo da paisagem (GIERYN, 2002; DOVEY, 1999). Como descrito anteriormente (CASER, 2004), a partir dos anos 60 muitas foram as contribuições das disciplinas de antropologia, geografia, sociologia e psicologia ambiental, entre outras, para os estudos da paisagem. Num primeiro momento, cada uma destas disciplinas enfatizava um dos três aspectos da paisagem ou lugar: os atributos físicos, as interações sociais, ou o senso do lugar. Tentativas de fundir abordagens psicológicas, sociais e culturais começaram a emergir nos anos 80 e floresceram nos anos 90 (HARVEY, 1993; THRIFT, 1996). Um exemplo de uma abordagem que se propõe a fazer essa fusão é a do psicólogo ambiental David Canter, utilizada por Del Rio (1990) como elemento organizador das diversas teorias pertinentes ao desenho urbano.

A praxeologia de Pierre Bourdieu torna-se especificamente relevante por unir estas três dimensões do lugar – contexto físico, atividades humanas e senso de lugar – através dos seus conceitos de *habitus* (uma porta de entrada para os conceitos fenomenológicos de identidade e lar), *campo* (*field*), e *capital*, e seus links com *habitat*<sup>1</sup>, usado por ele para designar o espaço físico e social.

### A sociologia de Pierre Bourdieu

Bourdieu preocupa-se com os oprimidos em geral e no campo social em particular. Seu objetivo é desvelar estruturas de poder ocultas e por isso mesmo, ele manifesta uma sensibilidade por “persuasões ocultas” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992:168)<sup>2</sup>, como as inscritas na paisagem. Para Bourdieu, o espaço físico é um meio através do qual pode-se visualizar as estruturas que “...são reveladas somente nos objetos que elas estruturam” (BOURDIEU, 1977, p. 90)<sup>3</sup>. Assim, de acordo com Bourdieu, o espaço físico exerce uma forte persuasão exatamente por não ser percebido como tal:

*“A imperceptível incorporação das estruturas de ordem social acontece, em grande parte, através de prolongadas e indefinidamente repetidas experiências de distanciamento espacial que reafirmam a distância social. Mais concretamente, essa incorporação se concretiza através de deslocamentos e movimentos corporais arranjados por estas estruturas sociais sob a forma de estruturas espaciais, e desta forma, naturalizados”* (BOURDIEU, 2000, p. 126)<sup>4</sup>.

Entretanto, Bourdieu não desenvolveu explicitamente as várias formas através das quais o capital social pode ser objectificado na paisagem como fez de forma detalhada com capital simbólico e cultural<sup>5</sup>. A falta de um conceito de capital social objectificado plenamente desenvolvido contribuiu para que somente os conceitos de capital simbólico objectificado e capital cultural objectificado tenham sido extensivamente utilizados em análises da paisagem, podendo ser citados como exemplo os estudos de Phillo e Kearns (1993), Duncan e Ley (1993), Dovey (2002; 1999), e Duncan and Lambert (2002). Até mesmo nos estudos sobre capital social a paisagem é mencionado em poucos trabalhos, como os da Federation of Calgary Communities (1999), Krishna and Shrader (1999), e Tolbert et al (2002). Isso apesar de ser legítimo argumentar que o capital social, por ser constituído através de interações sociais, influencia e é influenciado por a) configurações da paisagem onde estas interações ocorrem e b) por sua capacidade de ajudar a constituir a identidade do grupo.

Desta forma, e com o objetivo de avançar esse conceito de Bourdieu de modo a fornecer um instrumental para uma leitura da paisagem mais abrangente, foi desenvolvido o conceito de capital social objectificado (na tese chamado de capital social-físico) com a descrição das várias formas que essa objectificação pode adquirir. Esse desenvolvimento é descrito a seguir, seguido da metodologia proposta para guiar a aplicação deste conceito em análises da paisagem.

## Fundamentação teórica transdisciplinar

A estrutura teórica proposta na tese de doutorado foi desenvolvida baseada na premissa de que a praxeologia de Bourdieu, mais precisamente o conceito de capital social objectificado, com o devido desenvolvimento, poderia funcionar como uma estrutura teórica para estudos de lugar levando em consideração as três dimensões do lugar – físico, social e existencial.

Sensível à relação paisagem-identidade-capital social, o desenvolvimento do conceito de capital social objectificado proposto incorpora questões fenomenológicas, que apesar de latentes, não foram plenamente desenvolvidas por Bourdieu. Essa incorporação de questões fenomenológicas funciona bem na medida em ela previne que aspectos fenomenológicos sejam aceitos inadvertidamente. A praxeologia de Bourdieu, que nos lembra do poder da paisagem de codificar ideologias, também lembra que a fenomenologia sozinha tende a falhar em considerar o fato de que o entendimento do indivíduo depende de sua posição no campo/espaco social (BOURDIEU, 1977; SWARTZ, 1997).

Na tese primeiramente foi feito um levantamento crítico do trabalho de Bourdieu, identificando seus pontos fortes e fracos/omissos, o que resultou numa versão preliminar da estrutura conceitual, que foi plenamente desenvolvida através do estudo de caso de Port Aransas. Port Aransas é uma pequena cidade costeira dos EUA que vem experimentando um rápido crescimento populacional acompanhado de grandes empreendimentos residenciais que geraram debates públicos entre seus moradores. Usando a praxeologia de Bourdieu, foram analisadas as negociações sobre o lugar entre os diversos grupos locais para através delas avançar a teoria de Bourdieu sobre capital social dando atenção à sua dimensão física.

O estudo de caso contou com um inventário da paisagem envolvendo os três aspectos do lugar – seus aspectos físicos, sociais e existenciais/senso de lugar – e como eles juntos definem o lugar. Através do uso de vários métodos, que incluíram entrevistas, observação, mapas cognitivos e análise de documentos e fotografias pessoais, foram descritos os diferentes grupos e a sua interação com a paisagem. Desta análise resultou uma redefinição do conceito de capital social, para salientar o seu aspecto objectificado, e a categorização das várias formas através das quais o capital social é objectificado na paisagem.

Assim, capital social passa a ser definido como:

Capital Social é a soma dos recursos que pertencem a um indivíduo ou grupo advindo de sua familiaridade com seu habitat, isto é, seu espaço social e físico. O capital social objetificado refere-se ao capital social cristalizado na paisagem, resultante da familiaridade de um indivíduo ou grupo social com o lugar/paisagem.

As diferentes formas através das quais essa familiaridade pode ocorrer foram definidos para incorporar o que chamei de Habitação e Permanência. A totalidade da proposta encontra-se sumarizada no esquema abaixo.



Figura 1: As três formas de Capital Social como descrito por Bourdieu (em cinza) e o conceito de Capital Social Objetificado proposto

Foi identificado que o capital social objetificado pode adquirir duas formas, que foram chamadas de Habitáculo e Permanência. Habitáculo refere-se às configurações da paisagem – distâncias físicas e percebidas e acessibilidade – que podem afetar a interação social. Permanência refere-se às relações pessoa-lugar intrínsecas à constituição de grupos.

Habitáculo pode ser definido como convites ou limitações impostos pela paisagem às interações sociais. Quando estes convites ou limitações são criados por configurações físicas da paisagem são chamados de Explícitos; quando criados pela percepção das pessoas em relação à paisagem são chamados de Tácitos. Assim, Habitáculo Tácito depende do habitus de cada um, da ausência ou presença de repertório apropriado para o usufruto de determinado ambiente.

Permanência foi um termo emprestado da teoria descrita por Rossi (1982) para designar o fenômeno de experimentar o passado no presente através de signos físicos do passado como monumentos, edifícios e o traçado urbano. Permanência foi usado no contexto de capital social objetificado para indicar “deixas” ambientais – limites, marcos e construções em geral – que permitem às pessoas se orientarem e criarem um sentido para sua existência, imprescindível para que o relacionamento social ocorra. Permanência está relacionado com a capacidade da paisagem de prover orientação e identificação (NORBERG-SCHULZ, 1980), de prover “limites”, “...a partir dos quais algo começa o desvelamento de sua essência” (HEIDEGGER, 1993, p. 356)<sup>6</sup>.

Permanência pode adquirir duas formas, Predicabilidade e Sinalização. Predicabilidade refere-se a deixas ambientais que proporcionam estabilidade emocional, “segurança ontológica”, para usar as palavras de Giddens (1991). Sinalização refere-se a formas que funcionam como indicativos da identidade de um grupo, que atestam a afiliação do indivíduo a uma determinada causa ou grupo e a posição de um indivíduo no campo do poder/escala social.

Exemplo de como o proposto acima pode ser utilizado na prática da análise da paisagem pode ser exemplificado pela aplicação do conceito de habitáculo na análise de determinada paisagem: considerando as limitações tanto simbólicas quanto físicas, arquitetos podem identi-

ficar bolsões de capital social objetificado e utilizar e replicar estas configurações espaciais de modo a permitir que a paisagem promova uma forma inclusiva de capital social. De maneira semelhante, ao aplicar o conceito de permanência na análise da paisagem, arquitetos podem conscientemente achar maneiras de promover segurança ontológica através da criação de ambientes significativos, desta forma ajudando a aliviar a alienação do seu habitat presente na sociedade contemporânea.

Esta estrutura teórica objetiva guiar profissionais responsáveis pelo design da paisagem a identificar os elementos da paisagem passíveis de manipulação, para que sejam construídos e/ou recriados espaços democráticos e agradáveis. A forma como esses conceitos aqui expostos poderiam ser operacionalizados numa análise da paisagem são expostos a seguir.

## **Proposta metodológica**

Esta metodologia, apresentada de forma preliminar, é desenvolvida na mesma linha adotada por Hester (1985), como objetivo de ajudar a identificar sítios que objetificam restrições (ou convites) à interação social tanto simbólicas quanto físicas e ajudam a constituir os diversos grupos locais, seja através do seu significado ou por sua predicabilidade. Desta maneira, a metodologia foca na análise de capital social inclusivo, isto é, capaz de gerar interação social entre grupos de diversos estratos e bairros, voltando-se assim para a análise de espaços públicos urbanos. A metodologia proposta baseia-se nos métodos utilizados na tese, mas não se atém somente a ela, e pode ser sumarizada na lista abaixo:

### **Levantamento**

- Fotografia físico-social do lugar: Análise de sequência histórica de imagens e mapas (inclusive aéreos), e dados censitários. Levantamento do lugar para identificar usos do solo, tipologias arquitetônicas, grupos e estratos sociais e padrões de mudanças físicas e sociais;
- Conversas com representantes dos diversos grupos: uso de entrevistas e desenho de mapas cognitivos para entender os conflitos entre grupos e como eles são afetados pelas mudanças e sua relação com o ambiente;
- Observação Participativa: inserção dentro da rotina diária dos diversos grupos para observação de padrões de comportamento e uso dos espaços públicos;
- Consulta a documentos e fotografias antigas (em arquivos e particulares);

### **Análise**

- Identificação dos atributos significativos da paisagem para os diversos grupos;
- Identificação dos locais que promovem a formação de capital social inclusivo (objetificam capital social que promove a interação de diversos grupos sociais);
- Identificação dos locais que inibem a formação de capital social inclusivo;

### **Proposta**

- Propor soluções projetuais de forma a criar locais que promovam a interação social entre grupos diversos.

### **Conclusão**

Este estudo decodifica e trabalha um conceito útil mas até então pouco utilizado em estudos da paisagem – capital social de Bourdieu – e desenvolve uma metodologia para uso em uma

análise e leitura da paisagem que considere a existência de relações de poder desiguais dentro de uma comunidade/lugar.

O conceito aqui desenvolvido, o de capital social objetificado, encoraja uma análise crítica das relações de poder embutidas e transmitidas pela paisagem, e requer uma postura ideológica consciente dos arquitetos. O desenvolvimento do conceito de capital social objetificado aponta para as diversas formas através das quais a paisagem objetifica capital social. Desta forma, ele descortina persuasões camufladas e funciona como uma lente crítica para uma leitura da paisagem. Este conceito, aplicado à área de arquitetura e design da paisagem, importa a abordagem política de Bourdieu em ciências sociais para dentro das disciplinas de design. Assim, esta proposta abarca e institucionaliza a transdisciplinaridade no centro do design da paisagem/arquitetura e pretende ajudar a constituí-la como uma prática política.

A proposta metodológica aqui desenvolvida pode ser aplicada a estudos que tratem de inclusão em espaços públicos, como os de Madanipour (1999) e Risbeth (2001) e poderia ser introduzida utilizada em disciplinas de curso de graduação e pós-graduação. Ela fornece um instrumento para analisar as forças subliminares embutidas na paisagem e permite ao arquiteto identificar e utilizar a configuração do ambiente para construir espaços públicos inclusivos e significativos para os diversos usuários.

## Notas

- 1) Na verdade, *habitat* é um conceito interdisciplinar com raízes na antropologia e sociologia utilizado por disciplinas de design (LEITE, 1992).
- 2) Tradução do autor. No original lê-se: “*hidden persuasions*” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 168).
- 3) Tradução do autor. No original lê-se: “... *the structuring structures which, remaining obscure to themselves, are revealed only in the objects they structure*” (BOURDIEU, 1977, p. 90).
- 4) Tradução do autor. No original lê-se: “*The imperceptible incorporation of structures of the social order happens, in large part, through prolonged and indefinitely repeated experience of the spatial distance that affirms social distance. More concretely, this incorporation takes place through displacements and body movements organized by these social structures turned into spatial structures and thereby naturalized.*” (BOURDIEU, 2000, p. 126).
- 5) Segundo Bourdieu, *Capital cultural* refere-se aos conhecimentos e habilidades e é objetificado através de livros, monumentos, objetos de arte, etc. *Capital simbólico* refere-se ao estado assumido pelas outras formas de capital – econômico, social e cultural – quando os mesmos são considerados legítimos, e pode ser objetificado em coleção de objetos de luxo que atestem o bom gosto e distinção de seu proprietário (BOURDIEU, 2000, 1989, 1986).
- 6) Tradução do autor. No original lê-se: “*Boundary... that from which something begins its essential unfolding*” (HEIDEGGER, 1993, p. 356).

## Bibliografia

- BÆRENHOLDT J.; AARSÆTHER N. Coping strategies, social capital and space. *European Urban and Regional Studies*, vol. 2, n. 9, p. 151-165, 2002.
- BOURDIEU, P. *Habitus*. In: HILLIER; ROOKSBY (Eds.). *Habitus: A sense of place*. Aldershot: Ashgate, 2002. p. 27-34.
- \_\_\_\_\_. *Pascalian meditations*. Stanford, California: Stanford University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Site Effects*. In: BOURDIEU et al. *The Weight of the World: Social Suffering in Contemporary Society*. Stanford, California: Stanford University Press, 1999. p. 123-129.
- \_\_\_\_\_. *The Forms of Capital*. In: RICHARDSON (Ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. Nova York: Greenwood Press, 1986. p. 141-158.
- \_\_\_\_\_. *The social space and the genesis of groups*. *Theory and Society*, v. 14, n. 6, p. 723-744, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *An invitation to a reflexive sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- CANTER, D. *The psychology of place*. Londres: Architectural Press Ltd., 1977.

- CASER, K. *Physical-Social Capital: Towards a Critical Design Praxis for Communities of Place*. 2004. Tese (Ph.D.). University of Guelph, Guelph: 2004.
- COLEMAN, J. *Foundations of social theory*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University, 1990.
- \_\_\_\_\_. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology* (Supplement 94), p. 95-120, 1988.
- DEL RIO, V. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.
- DOVEY, K. The Silent Complicity of Architecture. In: HILLIER; ROOSKBY (Eds.). *Habitus: A sense of place*. Burlington, USA: Ashgate, 2002. p. 267-280.
- \_\_\_\_\_. *Framing places: Mediating power in built form*. Londres: Routledge, 1999.
- DUNCAN, J.; LAMBERT, D. Landscape, Aesthetics, and Power. In: AGNEW; SMITH (Eds.). *American Space/American Place: Geographies of the Contemporary United States*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002. p. 264-291.
- DUNCAN, J.; LEY, David (Eds.). *Place/culture/representation*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.
- DUNCAN, J.; DUNCAN, N. (Re)reading the landscape. *Environment and planning D: Society and space*, v. 6, p. 117-126, 1988.
- DUNCAN, James. Landscape and the communication of social identity. In: RAPOPORT (Ed.). *The Mutual Inter-Action of People And Their Built Environment*. Mouton: World Anthropology Series, 1976. p. 391-404.
- FEDERATION OF CALGARY COMMUNITIES. *The Ideal Community: Design Criteria that Foster Participation in Civic and Community Life*. Report. Calgary, 1999.
- FLYVBJERG, B. Bringing Power to Planning Research: One Researcher's Praxis Story. *Journal of Planning Education and Research* 21, p. 353-366, 2002.
- GIDDENS, A. *The consequences of modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Modernity and self-identity*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- GIERYN, T. What Buildings Do. *Theory and society*, n. 31, p. 35-74. 2002.
- HARVEY, D. *The condition of postmodernity*. Oxford: Blackwell, 1989.
- \_\_\_\_\_. From space to place and back again: Reflections on the condition of postmodernity. In: BIRD et al (Eds.). *Mapping the futures: Local cultures, global change*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. Building dwelling thinking. In: FARRELL (Ed.). *Martin Heidegger basic writings: From being and time (1927) to the task of thinking (1964)*. 2. ed. San Francisco: Harper Collins Publishers, 1993. p. 347-363.
- HESTER, R. The sacred structure in small towns: A return to Manteo, North Carolina. *Small Town*, p. 51-21, jan./fev. 1990.
- \_\_\_\_\_. 12 Steps to community development. *Landscape architecture*, p. 78-84 (jan-feb.), 1985.
- JACOBS, J. *The death and life of great american cities*. Nova York: Random House, 1961.
- KEARNS, G.; PHILO, C. (Eds.). *Selling places: The city as cultural capital, past and present*. Nova York: Pergamon Press, 1993.
- KRISHNA, A.; SHRADER, E. *Social capital assessment tool*. Conference on Social Capital and Poverty Reduction. Washington: The World Bank, 1999.
- LEITE, M. A paisagem, a natureza e a natureza das atitudes do homem. *Paisagem e Ambiente – Ensaios*, São Paulo: FAUUSP, n. 4, p. 45-105, 1992.
- LEY, David. Modernism, post-modernism and the struggle for place. In: AGNEW; DUNCAN (Eds.). *The power of place*. Boston: Unwin Hyman, 1989.
- LYNCH, K. *Good city form*. Cambridge, MA: MIT Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. *The image of the city*. Cambridge, MA: Technology Press and Harvard University Press, 1960.
- MADANIPOUR, A. Why are the design and development of public spaces significant for cities?. *Environment and Planning B: Planning and Design*, n. 26, p. 879-891, 1999.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. Nova York: Rizzoli, 1980.

PHILLO, C.; KEARNS, G. Culture, history, capital: A critical introduction to the selling of places. In: KEARNS; PHILLO (Eds.). *Selling Places: The city as cultural capital, past and present*. Nova York: Pergamon Press, p. 1-32, 1993.

PUTNAM, R. Bowling Alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*, v. 6, n. 1, p. 65-78, 1995.

\_\_\_\_\_. The prosperous community – Social capital and public life. *The American Prospect* Spring, p. 27-40, 1993. Disponível em: <<http://epn.org/prospect/13/13putn.html>>.

RISHBETH, C. Ethnic Minorities and the design of public open space: An inclusive landscape? *Landscape Research*, v. 26, n. 4, p. 351-366, 2001.

ROSSI, A. *La arquitetura de la ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

SWARTZ, D. *Culture and power: The sociology of Pierre Bourdieu*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

THRIFT, N. *Spatial Formations*. Londres: Sage Publications, 1996.

TOLBERT, C. et al. Civic Community in Small-Town America: How Civic Welfare is Influenced by Local Capitalism and Civic Engagement. *Rural Sociology* v. 1, n. 67, p. 90-113, 2002.

WOODMAN, D. *Social Capital as a Key Concept for Analysing Rural Communities*. Exame de Qualificação no PhD in Rural Studies. University of Guelph, 2001. Guelph: não-publicado.

WOOLCOCK, M.; NARAYAN, D. Social Capital: Implications for Development Theory, Research, and Policy. *The World Bank Research Observer*, v. 2, n. 15, p. 225-249, 2000.